

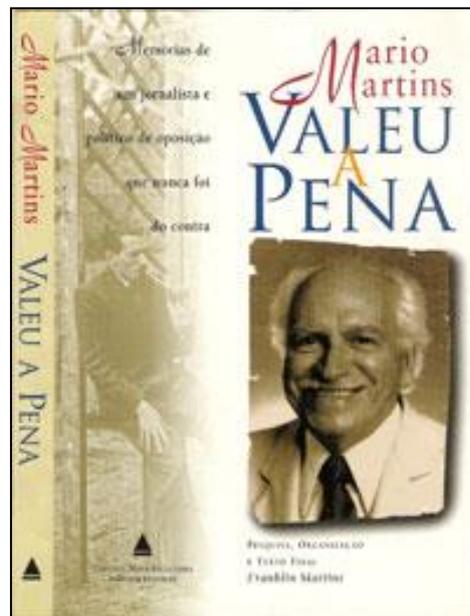
TRECHOS DE LIVROS

VALEU A PENA

Mário Martins

1996

Capa



TRECHOS DE LIVROS

VALEU A PENA

Mário Martins

1996

Pág. 193

ANOS DE INTOLERÂNCIA I

“Graças a **José Luiz de Magalhães Lins**, diretor do Banco Nacional , do qual Magalhães Pinto era dono, entrei para o Jornal do Brasil no começo de 1962. Relacionadíssimo, **Zé Luís** tinha grande prestígio entre jornalistas, intelectuais e artistas, que viviam batendo à sua porta em busca de financiamento para alguma atividade cultural ou simplesmente levantar um papagaio. Preocupado com a minha situação, ele conversou com Nascimento Brito,.....”

TRECHOS DE LIVROS

VALEU A PENA

Mário Martins

1996

Pág. 211

“...Pouco depois, telefonou-me, explicando que o Alkmim, por alguma razão que ele desconhecia, não tinha embarcado.

- Faça o seguinte: procure o **Zé Luís**, no Banco Nacional. Vou passar todas as instruções para ele. Pelo esquema do banco, tenho como tratar o assunto com segurança.

Fui então ao Banco Nacional, onde **Zé Luís de Magalhães Lins** disse-me que Magalhães conversara com o Brigadeiro Eduardo Gomes, que, por sua vez, resolvera tudo com a cúpula militar.

- O presidente Juscelino pode embarcar hoje à noite para o exterior com a família. Mas tudo deve ser feito discretamente e com rapidez, para que a linha dura não tenha tempo de agir – completou.”

TRECHOS DE LIVROS

VALEU A PENA

Mário Martins

1996

Pág. 212

“Saí do banco e fui ao escritório de Baldomero Barbará genro do Juscelino. Ele estava arrasado.

- Doutor Mário, o presidente vai se suicidar. Ele disse que não se entrega, vai reagir e se mata.

- Sei disso. Estive ontem com ele. Mas tenho notícias melhores.

Relatei-lhe minha conversa com **Zé Luís**: ele seria procurado ainda naquela tarde por um oficial da Aeronáutica, a mando do Brigadeiro, que lhe passaria todos os detalhes.

Em seguida, fui para a casa de Juscelino, que continuava muito abatido.

- Presidente, mande fazer as malas. O senhor embarca hoje para o exterior.

À noite, acompanhamos JK e dona Sarah na partida para o exílio. O carro com o presidente foi na frente. Eu, Adolpho e um farmacêutico amigo do Juscelino, dono da farmácia Dia e Noite, em Copacabana, seguimos atrás. Quando chegamos ao Galeão, o aeroporto estava em pé de guerra, tomado por tropas embaladas da Aeronáutica. De acordo com o combinado, o carro com Juscelino entrou direto por um portão que dava acesso à pista e estacionou ao lado do avião. O presidente e dona Sarah saltaram do automóvel, subiram as escadas da aeronave e, antes de entrar no aparelho, olharam demoradamente em torno, como se quisessem guardar na memória tudo o que pudessem do país que deixavam. Em seguida, viraram-se para o balcão do aeroporto, onde estávamos, e despediram-se acenando. Adolpho, a meu lado, chorava como uma criança.

Minutos depois, o avião decolou. Era pouco mais de meia-noite. O esquema montado pelo Brigadeiro funcionara com perfeição.”